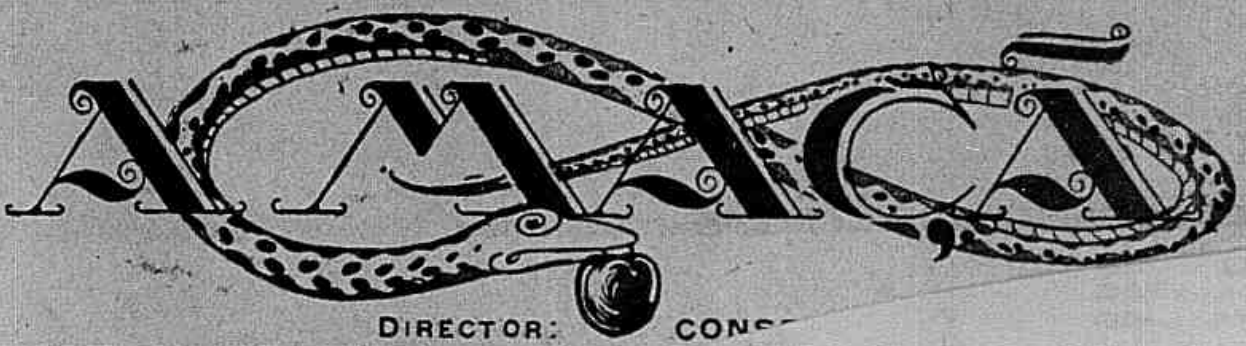




DIRECTOR: CONE

PRIME

U

"FLUXO-SEDATINA"

O grande remedio
das senhoras

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorrhagias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

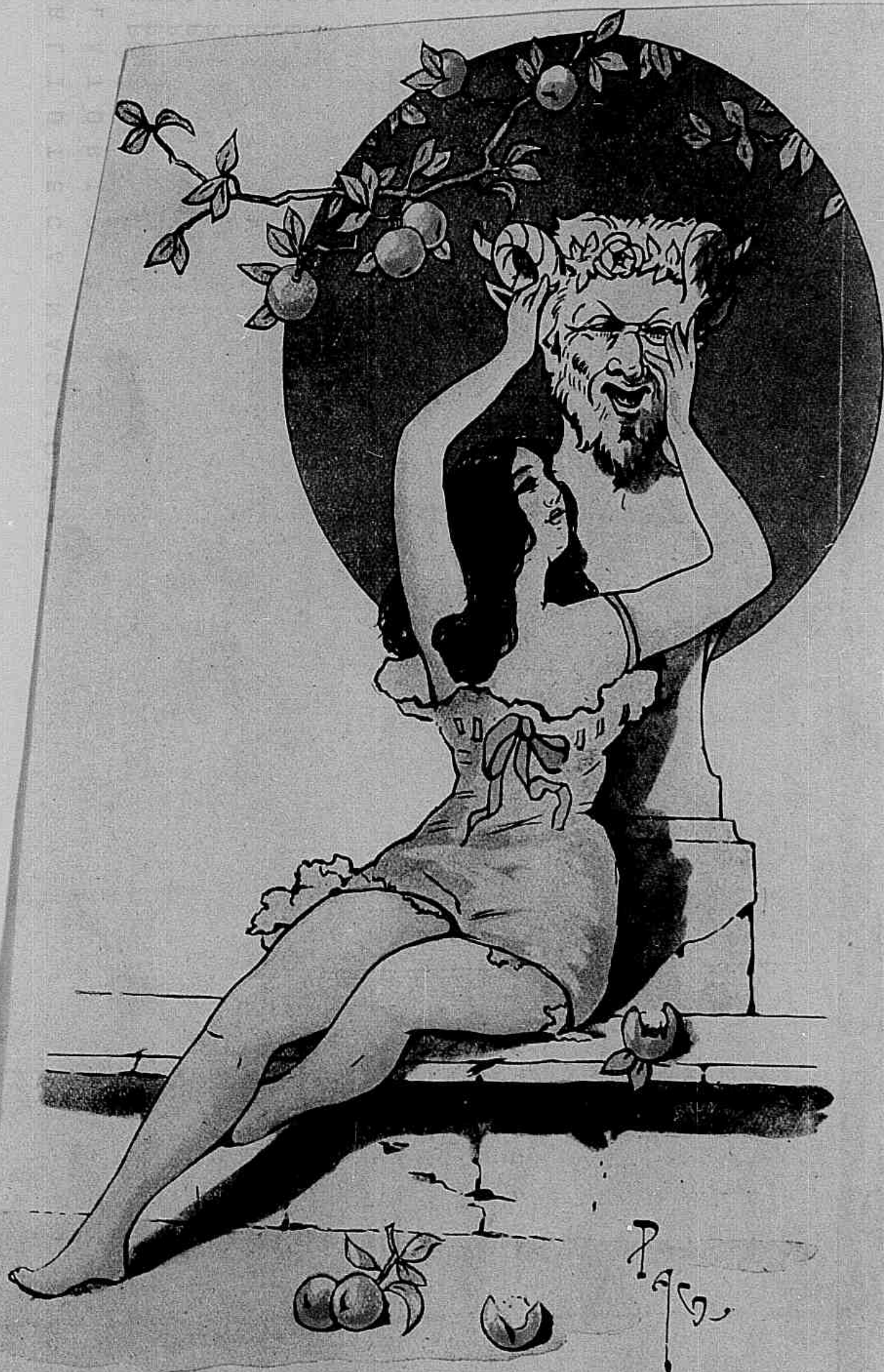
Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorrhagias Antes e Post Partum.

Os directores de hospitaes, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

RUA BUENOS AIRES, 214 — RIO





ICOR DE



Queira V. Ex. escolher
o dia de sua visita á

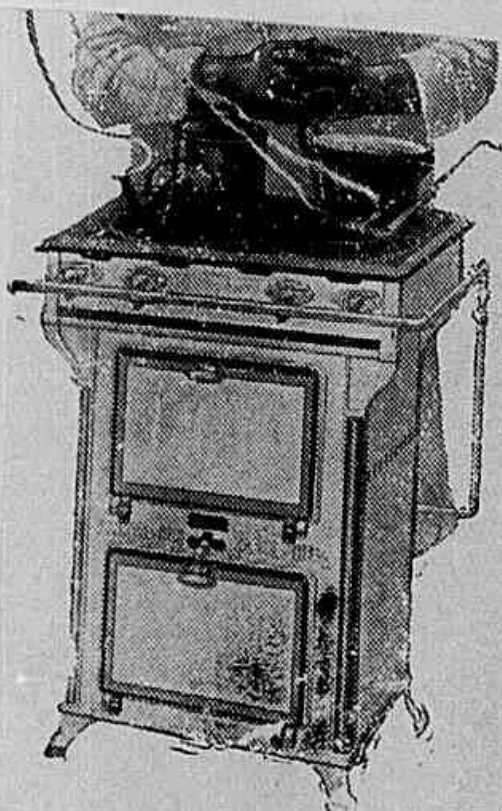
Notre Dame de Paris

1923 FEVEREIRO 1923

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabbado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28			



Vide o verso :



leados

Elegantes e Sólidos, Limpez.
Universalmente conhecidos
mais economicos.

Geladeiras de todos os t.

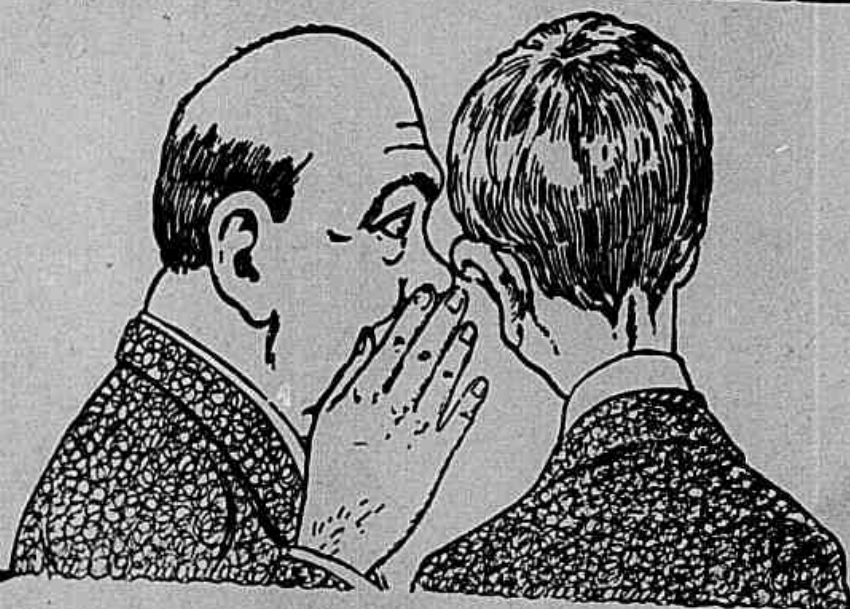
Sabonete SANIT

é o preferido para o banho e to

Unicos depositarios: OTTO SCHUL

Rua Theophilo Ottoni,

Telephone Norte 6773 RIO DE



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

anti-blenorrhagica

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 - RIO

ROYAL STORE



ULTIMAS CREAÇÕES

Vestidos toilette

Vestidos para baile

Vestidos de passeio

Vestidos ligeiros para rua

Vestidos de renda

Vestidos de cambraia

Vestidos de linho

Vestidos lingerie

Vestidos de seda

Vestidos de algodão

Vestidos de epongée

Vestidos de voil

Vestidos de fantasia

187, Rua do Ouvidor, 189

Telephone N. 6717

BONIFICAÇÃO DE PROPAGANDA

A Notre Dame De Paris

tem o maximo empenho em fazer chegar ao conhecimento do nosso Mundo Elegante que resolveu, em definitivo, o problema do Supremo Chic, sem obrigar ao dispendio de grandes quantias.

Graças a feliz combinação com seus fornecedores, das grandes capitães da Moda, a NOTRE DAME DE PARIS tornou possível a perfeita Elegancia, dentro do orçamento de cada qual, sendo apenas mister que a senhora ou senhorita possuía o sentimento do Chic, que é, aliás, um dos característicos da Mulher Brasileira.

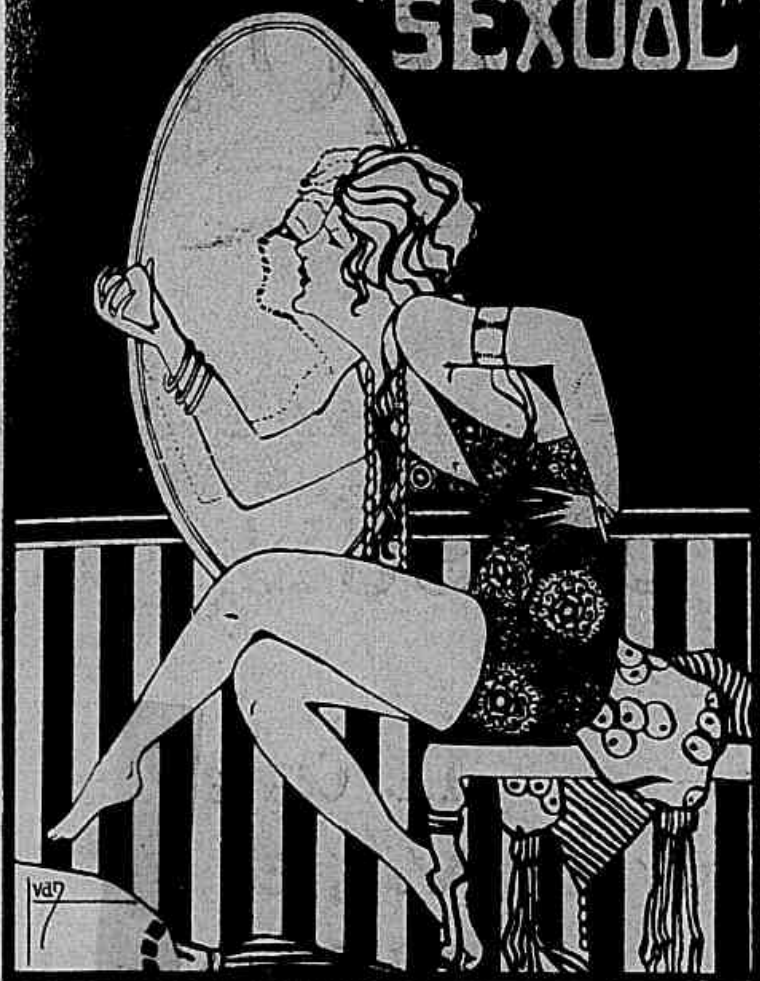
Em seus amplos salões, á rua do Ouvidor n. 182, serão expostos diariamente os mais elegantes Vestidos Modelos para Senhoras e Meninas.

TRATA-SE DE VERDADIRAS OBRAS PRIMAS DA **ARTE DE BEM VESTIR**

As condições excepcionaes em que foi adquirido o seu enorme sortimento, permitem á **NOTRE DAME DE PARIS**, a despeito da notavel modicidade de preços marcados, offerecer ainda a todas as gentis leitoras que se dignarem dar-lhe a honra de sua visita, uma Bonificação de propaganda. E' este o momento justo para uma bôa compra.

NOTRE DAME DE PARIS

Rua do Ouvidor — proximo ao largo de S. Francisco

"SEXUOL"

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

"SEXUOL"

Remedio providencial, de effeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia.
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18

Os melhores artigos

Os menores preços

CASA YORK

CAMISARIA

22 a 26 Assembléa

Esquina da Rua do Carmo



"SABÃO ARISTOLINO"

(ANTISEPTICO, CICATRISANTE E ECZEMATOSO)

(Em forma liquida)

Ê EMPREGADO COM VANTAGEM NOS CASOS DE .

MANCHAS	DARTHROS	IRRITAÇÕES
SARDAS	GOLPES	CONTUSÕES
ESPINHAS	FRIEIRAS	QUEIMADURAS
RUGOSIDADES	FERIDAS	INFLAMMAÇÕES
DORES	CRAVOS	CASPA
ECZEMAS	VERMELHIDÕES	Perda do cabelo
	COMICHÕES	

Indispensavel nos **BANHOS GERAES e PARCIAES**

A' venda em qualquer Pharmacia, Droguaria, Armarinhos,
Perfumarias e Barbearias do Brasil e Republicas do Prata

Pedir sempre: **"ARISTOLINO OLIVEIRA JUNIOR"**

DYNAMOGENOL

O mais efficaz dos tonicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendedes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
FLORES BRANCAS
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO
VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
IMPOTENCIA

INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES
CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a ges-

tação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —
Deposito: Rua Sete de Setembro, 186



MAÇÃS DE OURO!!!

AS EVAS E OS ADÃOS

poderão colher-as na feliz casa

“CAMPEÃO DO SUL”

Agencia Geral de Loterias

Caixa Postal 2166

Tel. Central 2526

RUA RODRIGO SILVA, 6

End. Teleg. “CAMPEÃO”

RIO DE JANEIRO

CASA RAUNIER

OUVIDOR, 170

Ultimas novidades em artigos de
camisaria e
chapéos para homens



Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A LADRA



Assim que se foi tornando mulher, aos quatorze annos, a vaidade da Luciana, ou da Lucy, como a chamavam em familia, era aquelle collo farto, arredondado, quasi como o de uma senhora. Certo, a meninota era gorduchita, bem conformada, com umas pernas feitas no torno; o papo da rôla chamava, porém, mais a attenção do que tudo isso, fazendo voltar a cabeça aos transeuntes, quando estes a encontravam no caminho do collegio.

Foi por esse tempo que o Pacifico de Magalhães a conheceu. Olhos cúpidos, o rapaz não se cançava de examinar aquelle busto forte, e ainda virgem, de menina. E como conhecesse o mundo no que elle tem de melhor ou de peor, imaginava como seria delicioso dormir na doçura d'aquelle valle, entre aquellas duas montanhas de neve, sob uma das quaes pulsava, uniforme, o suave thesouro do coração. E como esse desejo fosse crescendo, subindo, se avolumando, o Pacifico entrou, uma tarde, na egreja, rodeado de amigos, para dar o nome de esposo á tentadora vingindade da Lucy.

Com o casamento, a menina começou a engordar. Aos cincoenta e oito kilos que pesava quando tomara o nome de Magalhães, adicionara mais trinta. E o que era peor, era que, desses oitenta e oito kilos, vinte, pelo menos, se haviam alojado

no busto, em duas protuberancias fatigadas, que o collete difficilmente comprimia. Quando a moça se ia vestir, era uma tortura para acondicionar aquella carga entre as grades de umas berbatanas de ferro. E si, depois de vestida, procurava sentar-se, era de ver a teimosia com que tudo aquillo subia, accumulando-se debaixo do queixo, como os supportes monumentaes do seu pequeno rosto redondo.

Aos olhos do Pacifico a gordura da esposa, e, principalmente, o busto, apparecia como um castigo á sua concupiscencia da mocidade. As montanhas de neve que elle sonhou fôsem, um dia, a sua pedra de Jacob, mettiam-lhe agora receio, ameaçando-o com o seu peso. Si as duas lhe comprimissem, um dia, o rosto magro, o seu attestado de obito seria igual ao do seu irmão Valentim, apanhado entre dois bondes: esmagamento.

A maior tristeza de Dona Lucy, tornada simplesmente Dona Luciana, não tinha de provir, entretanto, do pavor que d'ella tinha o Pacifico. A um méro engano deveu ella, aos trinta annos, o maior desgosto da sua vida.

Residindo na rua Dona Mariana, era costume da moça ir tomar o bonde, todas as tardes, no canto da Voluntarios da Patria. Cabeça afogada no collo, que lhe vinha do queixo aoestomago, fica-





Carnaval

As ultimas
creações em fan-
tasias e outros
artigos para o
Carnaval

recebeu a

"A Capital"

9820
9820

SACRILEGIO

Conto do
Almirante J. RIBAS

— Madame poderia conceder-me a honra de dançar commigo este tango?

Foi com essas palavras que Paulo Botelho se curvou diante da formosa Beatriz de Miranda, naquella chá-dançante com que o Flamengo-Hotel commemorou o primeiro anniversario da sua fundação.

Paulo Botelho, não obstante a sua condição de homem de commercio, proprietario de uma casa de exportação á rua Visconde de Inhauma, era, pela sua situação de capitalista e celibatario, um dos nomes mais em evidencia da sociedade carioca. De estatura mediana, precocemente calvo, bigode aparado, e com uma obesidade em inicio, era, não obstante esses defeitos, uma figura insinuante. E o que mais concorria para a sua influencia sobre as mulheres, eram, exactamente, uma certa timidez, e uma generosidade incomum, de accordo com as suas condições de fortuna. Poucas eram as senhoras de sua amizade, ou do seu simples conhecimento, que não possuíam um collar, uma «barrete», um anel, ou um vidro de perfume caro, sahido da sua bolsa inexgotavel. Foi, pois, com certo desvanecimento que Dona Beatriz deu o braço ao rapaz, partindo, os dois, enlaçados pelo salão.

A partir d'essa noite, o telephone não parou mais, entre aquelle quarto do Palace-Hotel e a graciosa vivenda do sr. Tobias de Miranda, nas Laranjeiras. E tal intensidade tomou a palestra, que, duas semanas depois, o rapaz convidava:

— E se nós déssemos um passeio de automovel?

— Nós? E não nos viriam?

— Absolutamente. Eu arranjaría um «landaulet», com os «stores» descidos, e poderíamos, assim, passar impune-mente pelo centro da cidade.

Ao fazer essa proposta, Paulo Botelho não tinha em conta, evidentemente, os regulamentos policiaes, que prohibem o transito de vehiculos inteiramente fechados. E foi ao lembrar-se disso que correu ao delegado do seu districto, seu velho companheiro de collegio, o qual opinou, com franqueza:

— No meu districto, meu velho, você póde andar á vontade. Até nu,

si quizer. Agora, nos outros, eu não garanto nada.

E fazendo-o sentar a seu lado:

— Entretanto, eu posso lembrar a você uma cousa. A pequena não póde sahir á noite... Não é?

— Exactamente.

— Então, faça o seguinte. Metta-se com ella, á tarde, no «landaulet» fechado, e páre ao canto de uma rua por onde tenha de passar um enterro. Deixe passar o defunto, e, quando desfilir o cortejo, metta-se você nelle, e vá até o cemiterio, com o carro fechado. E' o unico modo da policia não perturbar os amores de vocês!

Acceito o conselho, o Botelho combinou o encontro com a moça, dando instrucções ao «chauffeur», para que o fosse esperar, com a passageira, no canto da rua Soares Cabral, por onde devia passar nessa tarde, o feretro do desembargador Cantidio Vianna. E quando o carro funebre passou, o rapaz pulou para dentro do «landaulet» em que estava a creatura adorada, baixando, com dois safanões, os «stores» que faltavam.

O motorista incorporou-se ao cortejo, e o carro seguiu.

O que se passou lá dentro durante o trajecto, só o sabem os namorados que já se viram num automovel fechado, loucos de amor. Fora, na rua, transeuntes tiravam o chapéo, penalizados. Um cheiro de flores caras, vindo das coróas mortuarias que cobriam o caixão funebre, chegavam até o automovel, embalsamando aquella alcova de noivado. E a tarde descia, doce, calma, cinzenta, povoada, apenas, do barulho das rodas do carro funerario no calçamento incerto das ruas.

De repente, o carro parou. Passado o caixão para a carreta, os que acompanhavam o cortejo desceram, todos, dos carros, para entrar no cemiterio. Um carro, apenas, não se abriu. «Stores» descidos, estava mais escuro do que o caixão do defunto. De dentro, vinha um choro convulso, de mulher que soffria.

Uma curiosidade triste cercava o «landaulet» misterioso.

— E' a viuva do defunto... — explicou um ancião, pausadamente.

Os que haviam parado deante do carro baixaram a cabeça, compungidos. E, chapéo na mão, olhos marejados de pranto, entraram, acompanhando a carreta, na tranquillidade do cemiterio...

Almirante Justino Ribas





Num tumulto extraordinário
Move-se o Povo, amanhã...
Carnaval!... E o anniversario
D'esta petiza — A MAÇA!

Formosa fructa estrangeira
Nasceu ella, no paiz,
Da mulher do Zé Pereira
Com o Conselheiro X X.

Ao surgir, alguém dizia:
— «Esta menina não cáe;
«Herdou da mãe a alegria
«E as «innocencias» do pae!»

Cresceu A MAÇA... E léva
A existencia, de roldão,
Entre os dentes da mãe Eva
E as barbas do pae Adão!

Necessaria a toda a idade
Entre outras vantagens tem
A de dar a mocidade
Ao proprio Mathusalém!

Sangue rico de alcaloide
Cada um dos numeros é
Uma glandula «thyróide»
D'um macaco chipanzé!

Neste Rio de Janeiro
Grite-se, pois, amanhã:
— «Viva o Carnaval!» — primeiro;
E depois: — «Viva A MAÇA!»

Pierrot.

va a gôrda senhora junto ao poste, abanando-se com soffreguidão, para dissimular a falta de fôlego motivada pela marcha. Toda a gente que passava, olhava-a com attenção. E quando o curioso continuava o seu caminho, era, não raro, com um ligeiro sorriso de zombaria.

Certo dia, o dia fatal, estava Dona Luciana junto ao poste, quando ouviu uma gritaria, rua abaixo.

— Péga, ladrão! Péga! Péga! — berravam, na carreira.

A' frente do grupo, descalço, muito vermelho,

e muito sujo, corria um pequeno de dez ou doze annos, empregado de uma quitanda de fructas e verduras, na outra esquina da Voluntarios. E vinha anciado, mais morto do que vivo, quando parou deante de Dona Luciana, o dedinho espetado:

— Foi esta... a... mulher!... Foi... esta!...

E, cançadissimo, apontando-a ao guarda-civil, que vinha atraz:

— Foi... ella... que furtou... as duas... melancias... e escondeu... dentro... do vestido!...

X. X.

10 de Fevereiro de 1923

A MAÇA

O 'MANDA-CHUVA' DA EXPOSIÇÃO



DR. ANTONIO OLYNTHO

FLORILEGIO DE MOMO

CINZAS

RIMAS DE

GOULART de ANDRADE

Já Pierrot busca repouso
A' magna que o escrucia,
Por um valle nemoroso,
Triste ao declinar do dia.

Traz o coração partido
E o bandolim nos pedaços:
Seu olhar vaga perdido
— Phalena pelos espaços.

Por que seu amor esqueça,
— Dôr que faz tantos escravos! —
Elle descança a cabeça
Numa touceira de cravos.

Dorme. Mas a dôr medonha
Nem no seu dormir declina:
Mal fecha os olhos, já sonha,
E, longe, vê Colombina!

Estando mais branca ainda,
Menos esquiva elle a sente,
Sentada, pálida e linda,
Entre as pontas do Crescente.

Mas, não sabe, olhando a nua
Carne que se lhe revella,
Si é della o clarão da lua,
Si a lua brilha por ella...

De cada rubra corolla
Sóbe, em volutas, o aroma,
Que oscilla, rola, se enrola,
E o rumo da lua toma.

De cada flor, ascendendo,
São, num fio, a alma em queixumes,
E esses fios vão tecendo
Uma trança de perfumes.

Que sóbe, voa, tranquillã.
Balouça, gyra, remonta,
E do Crescente, que oscilla,
Vae-se prender numa ponta...

Ou porque a alma se lhe exhale,
Ou porque a noite o embriaga,
Abre-se o peito do valle
Em queixa silente e vaga.

E tudo: triste suspiro,
Ais, ancias mudas, seismares...
Vae subindo em leve gyro,
Em espiras pelos ares...

Tanto sóbe, tanto ascende
Toda esta queixa maguada,
Que, em breve, da lua pende
Outra invisível escada.

Pelas duas pontas preso,
Voga o Crescente de manso:
E Colombina, no accezo,
Ethereo, olente balanço...

* * *

Si queres, na tua febre,
Subir na essencia das flores,
E' certo a escada se quebre
Ao peso das tuas dôres...

Riam só os que não sabem
De tuas queixas amargas,
Que, ellas, tamanhas, não cabem
Dentro destas vestes largas...

Ah! Bem sabemos, não cuidas
Em fazer esta romagem,
Que as duas escadas fluidas
Se vão, á mais branda aragem.

De violácea claridade
Uma dellas se illumina:
Pierrot, é a tua sandade
Que procura Colombina!

E a ingrata, que não alcanças,
Faz descer pela outra escada,
Esperanças, esperanças,
Dentro da névoa dourada!

E o triste, num mudo aneio,
Num desespero nascente,
Preme o coração no seio,
E olha o pálido Crescente.

Ergue-se já; da garganta
Sic-lhe a sonata de outr'ora:
Ninguém sabe se elle canta,
Ou, si allí, soluça e chora.

Seu bandolim jaz sem corda!...
Suspira, contrai a face...
Distende os braços... e acorda...

No ar vazio o dia nasce!

Goulart de Andrade

O REVOLVER SALVADOR

CONTO DE JAUFER

Eram constantes os assaltos no bairro do Limão. Raro, raríssimo era o dia que se passava sem que um dos moradores desse por falta de seus objectos mais preciosos ou as folhas não abrissem columnas com a noticia de arrombamentos e assaltos. Isso trazia em sobresaltos a familia do Proença. Madame Proença vivia atemorizada, esperando, de um momento para o outro, ver sua casa atacada e despojada. Quasi não comia e, á noite, mal dormia. E que somno, o secul Povoado de horribéis pesadelos, de sonhos tenebrosos, de visões de metter medo. Mal escurecia, Madame Proença fechava portas e janellas a sete chaves, punha trancas em todas ellas, corria todos os ferrolhos existentes. Não faziam nem recebiam visitas

O Proença, coitado! um legítimo pae da vida, bonacheirão, pacato, incapaz de uma violencia, participava, si bem que em menor quinhão, de taes receios e, por isso, sahindo fóra dos seus habitos, adquiriu um valente revólver, com a competente munição. A arma garantidora do lar dos Proenças era, á noite, collocada sobre o creado-mudo, junto á cama do casal, de maneira a poder ser facilmente alcançada num caso de assalto, que seria logo denunciado pela enorme quantidade de cadeiras, bacias e latas, empilhadas atraz das portas ou pelo cãosinho da casa, o «Velludo», que dormia proximo á porta do quintal. Um bello dia, appareceu arrombada a casa do Villela, que confinava, paredes a meia, com a dos Proenças. Que assalto cruzes!... Os moradores foram narcotizados, amarrados, amordaçados. Tudo o que alli havia de valor foi carregado. Madame Proença nesse dia não almoçou, não jantou, não tomou café. Passou, da manhã, á tarde, rezando. Não houve santo ao qual não enviasse preces fervorosas. Muito antes de anoitecer já as barricadas estavam levantadas. Deitaram-se. Apesar dos pezares, adormeceram. Mas, o somno de Madame Proença era agitado. Ella sonhava. Uma quadrilha negra, — uns quatro ou cinco latagões, mascarados, como é uso no cinema, — entrara pelo tecto, por meio de cordas. O «Velludo» tentou latir, mas um delles estrangulou o pobre animal. Começaram a revistar aposentos e moveis. Madame procurou gritar, chamar por soccorro, mas a voz ficou paralyzada na gargante. Sacudiu o marido, que não despertou, nem á mão do santo padre, daquelle somno profundo. Nessa occasião, um dos salteadores, justamente o de peor aspecto, se dirigiu para o leito do casal. Madame, então creou cora-

gem. Saltou resolutamente da cama, atracou-se com o bandido, conseguiu tirar-lhe o revólver da cinta e, nervosamente, pôz-se a dar tiros a esmo. E, enquanto os assaltantes fugiam, amedrontados, ella atirava, atirava sempre, atirava, atirava e...

...E nesse momento foi acordada pelo esposo, que reclamava, offegante:

— Que diabo faz você com isso na mão, mulher?!... Ora, dá-se... Largue isso, de uma vez!...

Madame Proença apertava desesperadamente entre as mãos o revólver do marido, o qual, felizmente, haviam descarregado, antes de se deitarem...

JAUFER (S. PAULO)



HUMORISTAS ESTRANGEIROS

O PREÇO DO RÍPOLIM



O illustre explorador Policarpo da Silva e Lopes caminhava através de um deserto bastante africano. Havia oito dias que o valente africanista não comia e, por mais que relanceasse a vista até aos confins do mais longínquo horizonte, não se via n'aquelle deserto a menor taboleta da mais insignificante casa de pasto.

Ao fim da tarde Policarpo, o insigne explorador, chegou a um óasis.

— Oh! Assis! exclamou elle,

Sentado mesmo ao meio do óasis estava um negro. O valente Policarpo, que não comia havia oito dias, deliberou comer o preto á falta de outro alimento de côr clara. Porém, como na região fosse ainda praticada a escravatura e Policarpo tivesse severos princípios de honestidade, deliberou comprar o preto antes de o comer. Mas compral-o a quem? Esse era o problema indeciso. Policarpo foi andando um pouco, sem perder de vista o preto, que tencionava mastigar. Perto encontrou um grupo de trez indigenas: um velho, um rapaz e uma mulher.

I I

Chegando-se ao velho, Policarpo falou n'estes termos.

— «Veneravel ancião! Apetecia-me agora comer aquelle preto, que está, além, sentado debaixo da bananeira. Acaso vos pertencerá elle?»

— «Rosto pallido, respondeu o velho, aquelle preto, que além está, chama-se Repolim, e é meu filho. Ensandeceste porventura para me vir propôr comeres a carne da minha carne, sem primeiro declarares quanto pretendes dar por ella?»

Policarpo puxou de uma corôa do bolso do collete e mostrou-a ao veneravel ancião.

— «Dá-me cem rodellas de metal eguaes a essa e comerás o meu filho, respondeu-lhe o dito.

O audaz explorador revistou os bolsos. Levava tres mil e quinhentos. Não cne-gava. O velho ergueu-se, sacudiu a cabeça e disse:

— Vae comer outro.

I I I

Policarpo, então, dirigiu-se ao joven adolescente, que estava jogando as cinco pedrinhas.

— «Mancebo imberbe! Apetecia-me ago-

ra comer aquelle preto que está além, sentado debaixo da bananeira. Acaso vos pertencerá elle?»

— «Estrangeiro transeunte, respondeu o joven adolescente. Aquelle preto, que alli está, chama-se Repolim e é meu pae. Quanto dás por elle?»

— «Tres mil e quinhentos, propoz o audaz explorador, puxando de seis corôas.

— «Dás dez mil reis e não se fala mais n'isso.

— «Não trago mais dinheiro commigo, mancebo, explicou o faminto Policarpo.

— «Pois por menos não trincarás tu o meu antepassado.

E o joven adolescente afastou-se com dignidade, coçando o trazeiro.

I V

Triste, muito triste, Policarpo deliberou tentar um ultimo esforço. Dirigiu-se á preta.

— «Sympathica senhora, que estaes catando os proprios piólhos nos humbraes do vosso lar. Apetecia-me comer aquelle preto, que além está debaixo da bananeira.

— «Queres comer o Repolim, branco das minhas entranhas? Come-o, filho, e que te faça bom proveito... Anda-me com elle antes que arrefeça.

— Obrigado, gentil donzella. Mas dizei-me por quanto m'o vendeis?

— «Por nada. Dou-t'o de graça e digo-te então mais: agradeço ainda a Deus o favor de ter sido prestavel a um viandante.

— Será possivel? O' nobre alma generosa, que assim entendes as leis da mais larga hospitalidade. Dize-me como te chamas para que, de futuro, abençoe o teu nome.

A preta levantou-se, fez uma mesura e declarou:

— «Madame» Repolim, uma sua creada.

André Brun

SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor— Capsula — Inieções



7170 722

FIGURAS NACIONAES

MIGUEL CALMON

Quando, a 14 de Novembro de 1906, começaram a ser atirados á fome de curiosidade da imprensa, como tostões lançados á rua do alto de uma sacada, os nomes dos ministros com que Affonso Penna ia governar, o espanto abria a bocca de toda a gente.

— Quem? O Tavares de Lyra, do Rio Grande do Norte? — exclamava um.

— O Campista? — indagava outro.

E um terceiro:

— O Hermes?

As boccas se escancararam, porém, em duplicata, quando se annunciou o nome do titular da Viação:

— O Calmon?... O Calmonzinho?...

A escolha do joven engenheiro bahiano constituia um escandalo como a entrada do marquez de Coislín para a Academia Franceza. Não que o indicado não tivesse, como o outro, meritos para o cargo; mas por ser um dos congressistas mais moços naquelle tempo, quando contava, oficialmente, pouco mais de vinte e oito annos, e por ser escolhido, exactamente, por um presidente de setenta.

— Este Penna começa mal! — commentou, no ministerio da Fazenda, Leopoldo de Bulhões.

E arrumando a sua papelada:

— Elle não vê que, com essa escolha de meninos para o ministerio, podem fazer mau juizo dos seus costumes?

Miguel Calmon era, realmente, na 'politica e no mundo, uma novidade promissora. Filho de familia illustre, mas pobre, havia nascido na Bahia em 1877, e recebido, no Rio, o grau de engenheiro. Fallecido o pae, que lhe deixara uma pequena propriedade agricola, no interior do Estado, assumiu a direcção d'esta e começou a trabalhar. Essa resolução de um rapaz de vinte e poucos annos, que podia pleitear um emprego publico na capital, agradou a Severino Vieira, que então governava a terra bahiana. E estava Miguel Calmon a plantar o seu feijão, o seu milho, o seu cacau e o seu fumo, quando lhe chegou um convite para ir ser, em S. Salvador, secretario do governo, nas cousas de agricultura.

Lavar as mãos, e seguir para a capital, foi obra de um momento. E Severino Vieira não se arrependeu da lembrança. O rapazola, que era um bello typo de homem, entendia do assumpto como gente grande. E com a circumstancia de não ser um theorico, um charlatão, um agricultor de gabinete, mas um secretario capaz de sair, de manhã, com a semente do milho, e voltar, uma semana depois, com o prato do mugunzá.

Enthusiasmado pelo moço estudioso, cuja actividade o assombrava, resolveu o governador bahiano facilitar o que lhe fosse possivel para o amadurecimento d'aquella intelligencia de escól. Ao primeiro dezejo do rapaz, concedeu-lhe uma licença, para ir estudar os problemas agricolas em Paris. E quando Miguel Calmon regressou, estava incluído na chapa do governo para deputado federal, pela Bahia.

Na Camara a figura do engenheiro bahiano ficou, logo, em destaque. Alto, espigado, elegante, com uma face de moça e um bigodinho negro e petulante, seria arrastado, logo, ao pelourinho da imprensa si não juntasse a essas qualidades physicas o segredo de captivar pela gentileza, pelas maneiras, pelo talento. Um sorriso aqui, um aperto de mão alli, uma entrevista acolá, e ia o joven deputado conquistando sympathias sinceras onde só havia, na véspera, prevenções contra a sua mocidade victoriosa.

Essas qualidades, familiares a Severino, não o eram, porém, a Affonso Penna. O que este queria, por haver prometido em São Salvador, era dar um ministro á Bahia. Lembraram-lhe nomes.

— O Paula Guimarães?

— Não serve. A pasta do Interior lá está promettida.

— O Freitinhos?

— Fala demais.

— Então, — opinou Carlos Peixoto, — o dr. Penna escolhe, na bancada, o mais velho, que deve ser o mais experiente.

Affonso Penna era, porém, a contradição em pessoa. E foi ronhento, mastigando o proprio queixo, que retrucou, logo:

— O mais velho, não, senhor. Eu quero o mais moço!

E não era outra cousa que pretendiam Severino e Carlos Peixoto: aquelle, por tratar-se do homem da sua maior confiança, do moço que elle tratava como filho; e este, por ter no pensamento, já, o plano de uma reacção destinada a acabar com os «medalhões», e que rejuvenecesse, afinal, os quadros da politica brasileira.

E a 16 de Novembro de 1906, Miguel Calmon, com vinte e oito annos, era ministro.

A sua passagem pela pasta, foi assignalada por uma actividade assombrosa. A idéa de uma grande feira nacional, que o atormentava na Camara, foi realizada, montando-se, num abrir e fechar de olhos, o saudoso «mafuá» da Praia Vermelha, oficialmente conhecido pelo appellido de Exposição de 1908. Melhoramentos deixados por Lauro Muler, ministro de Rodrigues Alves, foram continuados, recomendoando-se o jovem titular, por essa maneira, á gratidão do paiz.

A popularidade de Miguel Calmon era tamanha, e tamanha a sua preponderancia no ministerio, que Severino Vieira resolveu aproveitá-lo para consummação de um golpe politico. Ha muito tempo, não eram boas relações entre o grande chefe bahiano e José Marcellino, que pretendia, secretamente, desmontar-lhe a machina eleitoral. Durante dois annos, Severino evitou a scisão, fugindo ao combate. Ao presentir, porém, o prestigio de Calmon, o seu «filho amado», perante o Presidente, não recuou mais: chamou o adversario á lucta, e appellou, convicto, para o Cattete.

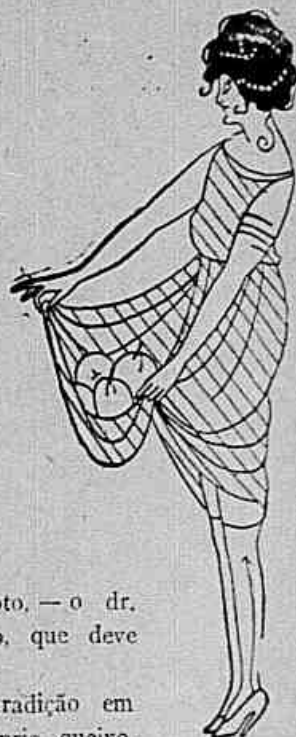
E o Cattete, inteiro, com Miguel Calmon á frente, manifestou-se... por José Marcellino!

— A politica não tem entranhas! — dizia, então, o ministro de Affonso Penna.

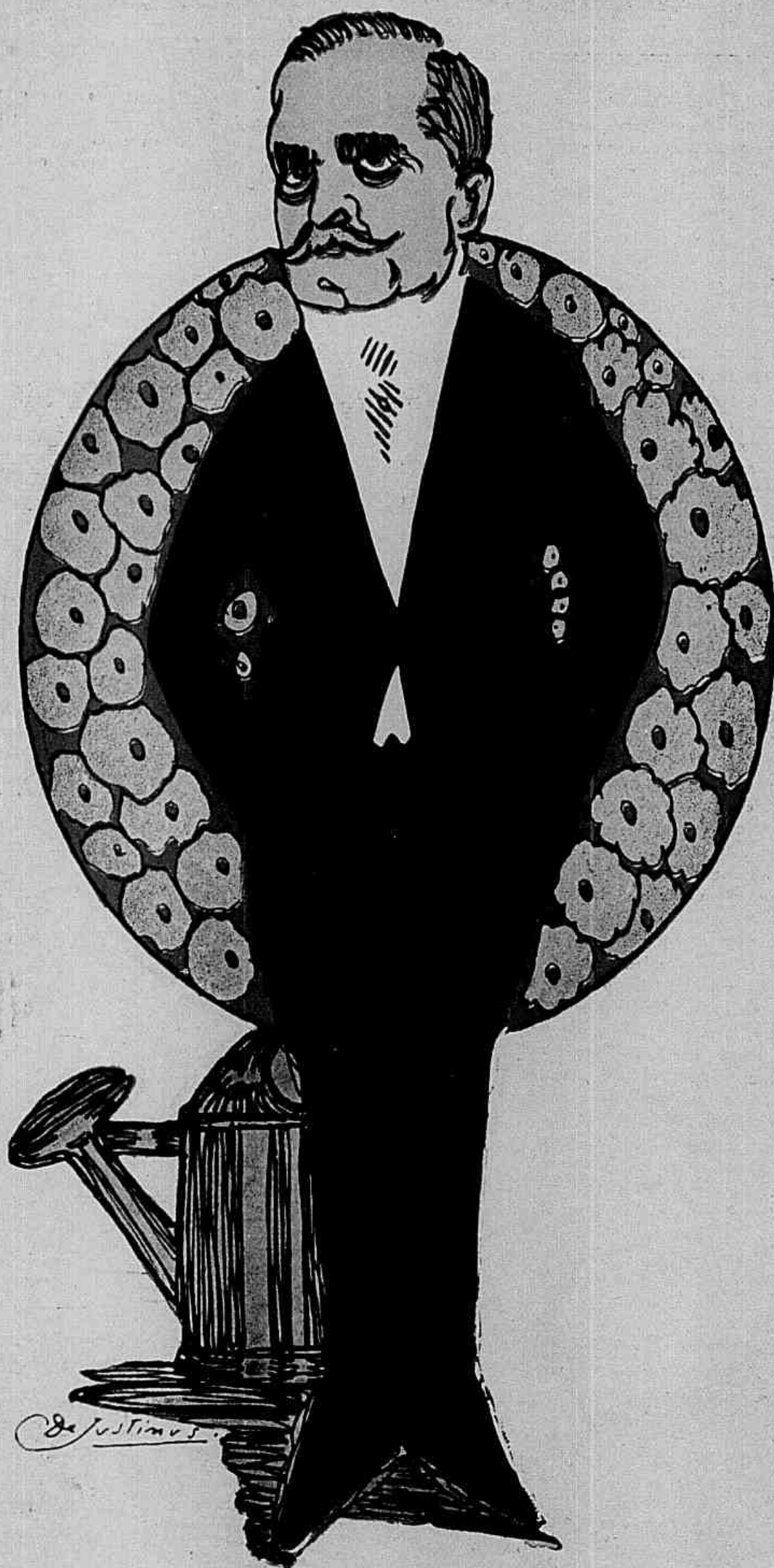
E justificava:

— Acima do nosso coração, dos nossos interesses pessoais, estão os interesses da Lei e da Ordem!

A morte de Affonso Penna foi para Miguel Calmon, como para todo o Jardim da Infancia, uma calamidade. Abandonando o ministerio, embarcou para a Europa. Durante a sua permanencia no estrangeiro, verificou uma cousa de que se havia esquecido: constatou que era solteiro, e resolveu tornar ao Brasil, para casar-se. Bello, forte, gentil, portador de um nome que os acontecimentos politicos haviam illustrado, não lhe foi difficil a escolha. Casou-se com uma das senhoras mais finas, mais distinctas, mais educadas e mais ricas da sociedade brasileira. E mergulhou, de novo, nos estudos, no trabalho, no tumulto das nossas questões economicas, com uma fé, com uma coragem, com um desassombro, como se acabasse de penetrar, pela primeira vez, os



FIGURAS NACIONAES



MIGUEL CALMON

A FESTA DA ALEGRIA



Bailem as rondas dos Amores,
Rompa mais limpida a manhã;
Rufem pandeiros e tambores
No aniversário d'«A Maçã»!

(Des. de Ivan)



VLAN!



— As mulheres são o perfume da Vida; mas o perfume das mulheres... é o VLAN!



FLORILEGIO DE MOMO

CARNAVAL

Página de OLAVO BILAC

O povo diz bem na sua pittoresca linguagem, quando um sujeito anda melancólico e bambo sem saber por que: «você precisa castigar esse corpo!» Castigar o corpo — é o melhor remédio para os males da alma; não ha therapeutica melhor para essas enfermidades mysteriosas, para esses rheumatismos das articulações da alma.

Tu não dormes, tu vives com o cerebro cheio de diabinhos cor de cinza, tu vês em todo o amigo um inimigo, e em toda a vida uma vasta cilada e uma abominavel traição? Pois anda trez leguas a pé, ou, se encontrases na rua um motim, mette-te nelle, e resigna-te a armazenar nas costas algumas bordoadas; verás que somno consolador, e que alegre despertar, no esplendor de uma convalescença feliz...

No tempo do captiveiro, havia escravos que não podiam passar muito tempo, sem uma «cura» de pancada: quando se lhes aggravava a saudade do castigo, davam por fazer maroteiras que o provocassem, ou iam simplesmente, com um sorriso nos labios, pedir ao feitor que lhes afugentasse do corpo o mau espirito, com a applicação de algumas lambadas generosas. Castigai o corpo, amigos, se quereis trazer tranquillia a alma!

Todos os que se rebellam contra as brutalidades do entrudo e do jogo de confetti, são os primeiros a perder a cabeça, quando cahem no amago de uma dessas batalhas carnavalescas. Tambem é verdade que, segundo o grande Turenne, capitão glorioso que tantas vizes flauteou a morte, «o soldado só perde o medo, quando se deixa embriagar pelo clamor do combate.» Ponham ali no meio da rua do Ouvidor o mais sizudo de todos os sizudos, cerquem-no de uma meia duzia de moças alegres que o cubram de confetti e o inundem a bisnagadas, — e, se, d'ahi a uma hora, o sizudo não tiver perdido a compostura o os oculos, e não estiver, com a sobrecasaca esfrangalhada e a cartola amolgada, empenhado com amor e delirio nas mais violentas refregas, — então duvidem do poder do Carnaval e creiam na fortaleza de animo de um conselheiro Acacio!

Contaram os jornaes um caso macabro succedido na terça-feira gorda.

Ia um defunto, a caminho de sua derradeira morada, calmamente estirado no fundo do caixão, ao trote manso da parelha que puxava o carro funebre. Mas, quando o enterro passava por uma praça em que se dava uma delirante batalha de confetti, partiu-se uma das rodas do carro, e o pobre morto ficou para alli, parado, entre as pragas do cocheiro e o delirio do batalhadores, que na sua allucinação, não davam conta do que se passava. Tardaram as providencias, a batalha continuou; de maneira que quando, uma hora depois, o coche negro ponde marchar de novo para o cemiterio, nas coroas de perpetuas roxas se emmaranhavam as serpentinas, e o feretro ia coberto de uma espessa camada de confetti... Ora, bem! imaginai agora que o homem não estivesse morto, mas simplesmente mergulhado na treva espessa de um somno cataleptico, e que despertasse naquelle momento: cuidais acaso que o redivivo permaneceria transido de horror, meditando no atroz perigo de que acalava de ser salvo? Nada! O redivivo compraria um sacco de confetti, e num momento saltaria da inercia da morte para a alegria e a agitação do Carnaval.

Não! não nos revoltamos contra a brutalidade d'esses estouvados brinquedos, que podem rasgar toda a roupa de um homem, mas que lhe deixam illesa a reputação!

O movimento soffoca o pensamento. E o estrepito, a convulsão, o infernal delirio d'essas loucuras têm ao menos uma grande vantagem: quem nelles se empenha deixa de ouvir durante algumas horas a impertinente voz que cada um de nós tem a soar perpetuamente dentro da alma, — a voz do proprio tedio, do irremediavel enfado de viver...

Olavo Bilac

(Cont. de MIGUEL CALMON)

humbrões da vida publica.

Presidente, por muitos annos, da Sociedade Nacional de Agricultura, interessou-se pelo milho, pelo feijão, pelo gilo, pela abobora-menina. Escolhido pela Academia de Letras para leccionar literatura brasileira na Universidade de Lisboa, tentou estudar o problema do rapim-mellado, da alfafa, e do feno nacional. E estava entregue aos seus estudos predilectos, quando a politica o foi buscar outra vez, dando-lhe uma cadeira de deputado

pela Bahia e, em seguida, a pasta da Agricultura, no governo actual.

Homem fino, culto, polido, Miguel Calmon é uma das figuras brasileiras mais sympathicas e insinuantes. Arvore de boa semente, estava dando flor, quando o afastaram da Politica. Voltando a ella, que é o seu canteiro, é natural que dê, agora, de uma vez, uma carga de fructos que compense, generosa, aquella que a fatalidade crestou...

Rodin



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: Líquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Depósito geral: Casa Hermann, & Co.



Galho DE URTIGA

A galeria

A encantadora senhora, para quem o marido acaba de construir um bangalô que é um mimo, e que é uma das creaturas mais prendadas da sua roda, resolveu preparar, com as suas mãos, o interior do seu novo ninho: «abat-jours», almofadas, «stores», toalhas, enfim, todas as cousas delicadas que podem sahir de duas mãos femininas.

O mais curioso de tudo foi, porém, o seu capricho, de fazer uma almofada com a silhueta de cada um dos antigos namorados.

— E fizeste, menina? — indagou uma das amigas.

Madame confirmou.

— E a casa coube?

Os signaes para o transito

O «casce-tête» da Inspectoria de Vehiculos foi, agora, substituído. Em lugar do «São Benedicto» com que os guardas indicavam a direcção dos automoveis, permitindo-lhes a passagem, temos, agora, o que se poderia chamar o «movimento animal», isto é, o braço do guarda, estendido na direcção em que está aberto o transito. Com esse novo systema, o mantenedor da ordem passa as suas horas num continuo abaixar e levantar de braços, collocado, como uma estatua movimentada, no meio das ruas centraes.

As pessoas grandes são indifferentes, em geral, a essas alterações. A's creanças, porém, ellas não passam despercebidas. Tanto assim, que, ao ver o guarda do canto da Gonçalves Dias com a rua Sete, uma pirralhita de seis annos chamava a attenção do pae, que a trazia pela mão:

— Olha alli, papae!

E muito espantada:

— Um soldado fazendo gymnastica suéca no meio da rua!...

Andaces fortuna juvat...

Desde que o marido a mandou para a casa do pae, ou mesmo antes disso, a loura creaturinha se viu as-

do satyro. Desprezae-me, insultae-me, tratae-me de ignobil, de vil, de miseravel. Mas a falta era de Jeremias Caudle. Sem elle, eu não teria esse nome.

Certa manhã, quando Maria-Jeannik ia depositando sobre a mesa de cabeceira a bandeja de chocolate, eu não me pude conter. Segurei-a com toda a força dos meus braços, puxando-a para mim. Eu não sabia, juro-vos, o que fazia. Não me lembrava da prisão, do julgamento, da condemnação, do degredo, de nada.

Mas imagineae como eu mandei Jeremias Caudle ao diabo, quando Maria-Jeannik me perguntou, com aquelles mesmos olhos candidos, e aquella mesma voz com que, á mesa, offerencia salada aos hospedes:

— O senhor quer que eu tire o «soutien»? Tem hospedes que não gostam...

Louis Sonolet

sediada por dois admiradores differentes um do outro: um medico, figura de relevo na sua classe, e um bacharel, cuja carreira se vem assignalando por brilhantes victorias forenses.

Enquanto, porém, o medico se mostrava assiduo, teimoso, quasi insolente na perseguição, o advogado se apresentava esquivo, tímido, retrahido. E, no entanto, era por este que o coração da moça batia.

— E, afinal, que resolveste? — perguntou-lhe, ha dias, uma das companheiras antigas.

— Eu? cáhi nos braços do medico.

— Mas a tua paixão não era pelo advogado?

— Era, e é.

E descisiva:

— Menina, nós somos assim: queremos a quem nos foge, e entregamo-nos a quem nos procura!

Tempo de campanha

A grande dama da alta sociedade carioca teve a sua queda, durante dois annos, pelo conhecido official do Exercito, o qual a fez soffrer horivelmente. Impiedoso com a pobresinha, dava-lhe motivos para os ciúmes mais desesperados, e de tal forma que ella envelheceu mais, com elle, em dois annos, do que com outros em dez.

— Coitadinha! — lamentava uma das suas amigas, penalizada. — Ella está acabada! Aquelle homem fel-a envelhecer quatro annos, em dois!

— Mas é assim mesmo, filha! — aparteou outra. — Quem se mette com militares tem de se submeter a isso.

E rindo:

— Conta tempo de campanha!

Fiat...

Aquella senhora tão chic, e tão fina, que luxou quatro annos á custa de uma grande figura do governo passado, não deixou de receber os seus quatro contos por mez. Com a alta, porém, dos preços, esse dinheiro não dá para nada, a ponto de fazel-a capitular diante da crise.

— Vou, agora, viver singellamente! — dizia ella, ha dias, a uma das suas amigas, uma linda morena de olhos de fogo.

— Pois, eu não me rendo! — confessou a outra.

E mostrando uma vitrina do «10 Barateiros», por onde passavam:

— «Fiat» «luxo».

O melhor adorno feminino

Uma linda cutis natural é o melhor adorno feminino; mas são poucas as pessoas possuidoras desse adorno, que é, entretanto, facil conseguir.

Basta alimentar bem a derme com creme de cera purificado, fazendo com o mesmo umas applicações á noite, ao deitar-se. Este creme é muito recommendavel, pois, além de ser um bom fortificante, tambem cura e evita as doencas da pelle. Se não o encontrarem nas drogarias, procurem, tambem, nas perfumarias.

O SATYRO

CONTO DE LOUIS SONOLET

E' preciso saber, em primeiro lugar, que eu sou americano, e pintor. Ao chegar, neste verão, a Pont-Aven, hospedei-me na Pensão Julia, como faz todo artista americano que se respeita. E ahi encontrei o meu velho amigo Jeremias Caudle, que se achava domiciliado na terra ha, pelo menos, seis mezes.

Emquanto eu pinto unicamente paisagens campestres á claridade da lua, Caudle é especialista em ruínas de monumentos. A' parte essa orientação differente em nossa arte, nós somos, individualmente, como quem dissesse os «dois dedos da mão», — locução franceza que, aqui, entre parentheses, me causa certo embaraço, uma vez que as mãos, em geral, são munidas de cinco dedos.

Logo á chegada, Caudle me poz ao corrente das cousas da pensão, e dos seus habitantes. Elogiou-me as ostras, as lagostas, o peixe, queixando-se, apenas, da qualidade do whisky. Em seguida, falou-me das creadas.

— Eu sei, Harry, — começou elle, — que tu gostas muito de brincar com as creadinhas. Aqui, porém, nada conseguirás. As empregadas são todas muito direitas, muito sérias, muito virtuosas. Uma, principalmente, vae te impressionar, concupiscente como és. E' a Maria-Jeannik, uma loura de dezoito annos, que é mais excitante, ella só, que todas as mulheres da America, reunidas.

E era verdade. Sob sua touca de grandes azas, enfeitada por uma fita rosa, Maria-Jeannik possuia uns grandes olhos azues muito candidos, nariz pequenino, bocca meúda, um conjunto de cousas encantadoras que me puzeram, logo, num estado extraordinario. Quando eu a via passar, ligeira, pelos corredores ou na sala de jantar, meus olhos se precipitavam sobre ella, como o abutre sobre a pomba, — com a differença, apenas, que eu não a queria comer.

Jeremias Caudle percebia claramente a minha excitação diante de Maria-Jeannik, e zombava de mim como quem não comprehende, ou não leva a serio, um homem verdadeiramente apaixonado.

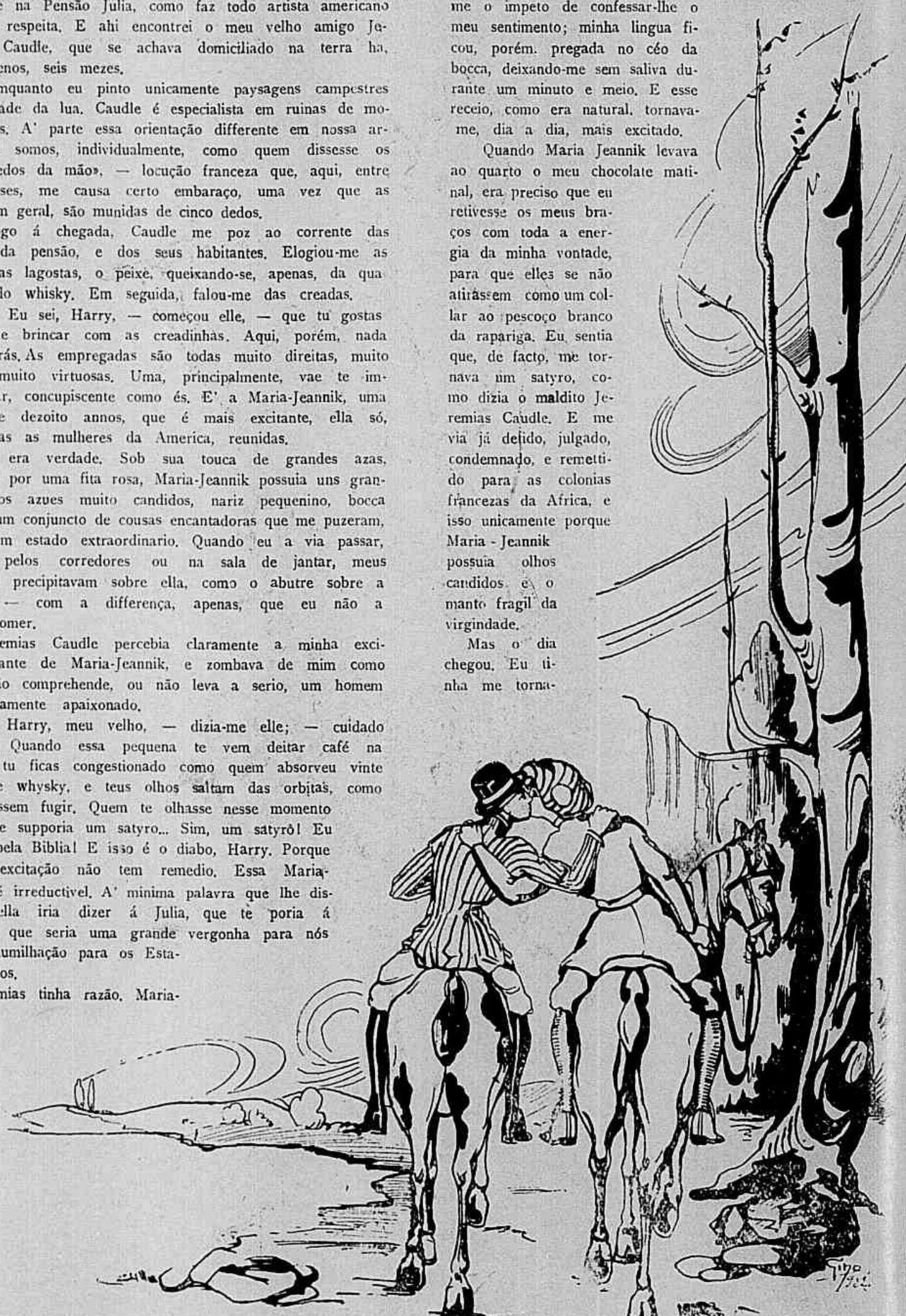
— Harry, meu velho, — dizia-me elle; — cuidado comtigo. Quando essa pequena te vem deitar café na chicara, tu ficas congestionado como quem absorveu vinte copos de whisky, e teus olhos saltam das orbitas, como se quizessem fugir. Quem te olhasse nesse momento Harry, te suporia um satyro... Sim, um satyrô! Eu te juro pela Biblia! E isso é o diabo, Harry. Porque a tua excitação não tem remedio. Essa Maria-Jeannik é irreductivel. A' minima palavra que lhe disseses, ella iria dizer á Julia, que te poria á porta, o que seria uma grande vergonha para nós e uma humilhação para os Estados Unidos.

Jeremias tinha razão. Maria-

Jeannik conservava sempre o seu ar candido, que fazia sobre mim um effeito incalculavel. Duas ou tres vezes, veio-me o impeto de confessar-lhe o meu sentimento; minha lingua ficou, porém, pregada no céu da bocca, deixando-me sem saliva durante um minuto e meio. E esse receio, como era natural, tornava-me, dia a dia, mais excitado.

Quando Maria Jeannik levava ao quarto o meu chocolate matinal, era preciso que eu retivesse os meus braços com toda a energia da minha vontade, para que elles se não atirássem como um collar ao pescoço branco da rapariga. Eu sentia que, de facto, me tornava um satyro, como dizia o maldito Jeremias Caudle. E me via já delirio, julgado, condemnado, e remetido para as colonias francezas da Africa, e isso unicamente porque Maria-Jeannik possuia olhos candidos e o manto fragil da virgindade.

Mas o dia chegou. Eu tinha me torna-



FLORES DO CARNAVAL

TRISTEZA DE MOMO

PELA primeira vez, impias risadas
Susta em prantos, o deus da zombaria;
Chora; e vingam-se delle, nesse dia,
Os sylvanos e as nymphas ultrajadas!!

Trovejam boccas mil escancaradas,
Rindo; arrombam-se os diques da alegria;
E estoira descomposta vozeria
Por toda a selva e apupos e pedradas...

Fauno o indigita; a Náíade o caçôa;
Satyros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não ha quem d'elle se condôa!

E Echo propaga a formidavel vaia
Que, além, por fundos boqueirões rebôa,
E, como um largo mar, rôla e se espraia...

RAYMUNDO CORREA

POR FÓRA DO "ÉCRAN"



OCTAVIANO DE ANDRADE
(Gerente do «Odeon»)

(Desenho de GUNHA BARROS).

Theatro "Boccacio"

COUSAS DE CARNAVAL

Comedia em 2 actos de JAN RICHORA

Personagens: Miguel, 55 annos.
— D. Braulia, 50 annos, paes de Candonga, 20 annos. — Chiróca, 18 annos. — Rosa, 30 annos, creada, mulata. — Actualidade — Rio.

ACTO 1.º

Em casa de Miguel — Sala de jantar burgueza. (3º dia de carnaval)

SCENA 1ª

Miguel, Braulia e Candonga

(Miguel, de pyjama, lê um jornal da tarde, quando entra Braulia acompanhada de Candonga).

BRAULIA (discutindo com a filha) — Não vae... Já disse que não vae... E' excusado estar insistindo.

CANDONGA — Quero ver, se papae deixando eu não vou...

BRAULIA — Já disse que não vae...

CANDONGA — Vou.

BRAULIA — Não vae.

MIGUEL (parando a leitura) — Olhem... o melhor é vocês liquidarem esse vae não vae lá fóra...

BRAULIA — Lá fóra é que ella não vae vestida de homem...

CANDONGA — De homem não senhora... De pescador...

BRAULIA — Homem ou pescador é a mesma cousa.

CANDONGA — Isso é que não... De homem é como papae... Eu vou de pescador.

BRAULIA — Deixa de dizer tolice... De homem é como seu pae?

CANDONGA — Uê!... E papae não é homem... de calças?!

BRAULIA — Nem sem calças... que dirá de calças...

MIGUEL — Vocês juraram que eu hoje não havia de ler o meu jornal!...

CANDONGA — Vou de pescador ou não vou... papae?

MIGUEL — Vae... minha filha... Deixa tua mãe fallar.

BRAULIA (para Miguel) — Você não pôde desmoralizar as minhas ordens... Já disse que ella não vae.

MIGUEL — Não vae... porque?! Deixe a menina divertir-se

BRAULIA — E' uma fantasia immoral.

MIGUEL (para Candonga) — E' immoral, minha filha?

CANDONGA — História de mamãe...

BRAULIA — Immoralissima... Uma blusa aberta... deixando ver o corpo até quasi no umbigo... e as calças arregaçadas até em cima do joelho...

MIGUEL — O' minha filha...

Como foi que você inventou isso...

CANDONGA — Não inventei não, senhor... Está no figurino.

MIGUEL — Ah!... Se está no figurino...

BRAULIA — Além disso leva uma taquára que vae espetando todo mundo...

MIGUEL — Que taquára é essa?

CANDONGA — E' para pescar.

BRAULIA — Não tem nada que pescar.

MIGUEL — Deixe a menina divertir-se... Você como está ficando velha não quer que os outros se divirtam... Faça como eu... Faça como eu... Não saio de casa no Carnaval... mas não sou desmancha prazer de ninguém...

CANDONGA — Está ouvindo mamãe?... Está ouvindo?

SCENA 2ª

Miguel, Braulia, Candonga e Chiróca

MIGUEL (para Chiróca, que vae entrando) — E você minha filha, como vae fantasiada? Vae de pescador tambem?

BRAULIA — Esta vae fantasiada de ostra. Ainda estou para ver uma menina tão desageitada... nem sabe pôr uma fita na cabeça.

CHIROCA — Ora... mamãe!...

MIGUEL — Acho bom vocês jantarem mais cedo... senão não acham logar no bonde...

BRAULIA — Então você não vae á cidade connosco?!

MIGUEL — Eu? Você está doida!

BRAULIA — Sua obrigação é ir para ajudar a tomar



O Humorismo nos Estados (S. Paulo)



A TIMIDEZ DO CARLOS

CONTO DE ARION DA GAMA

Com os cotovellos espetados sobre a sua mesa de estudos, o rosto pallido entre as mãos finas, Carlos Botelho Borba corria os olhos tristonhos e invocadores de amor pelas paginas encardidas de um velho «D. Casmurro», esforçando-se por prender ao delicioso romance de Machado de Assis o seu pensamento, naquella hora tão rebelde como o seu proprio coração.

— Afinal — dizia — eu sou mesmo um idiota. Que mal haveria em unir os meus labios aos labios da Carmita, demonstrando-lhe, num beijo doce e prolongado, toda a eloquencia do meu amor? Positivamente, eu sou um idiota, mas um grande idiota!

E, passando as mãos pelos cabellos negros, luzidios, como quem pretende dispersar as idéas emaranhadas, proseguia com tristeza:

— Pois não somos noivos ha quasi um anno? Será possível, que eu não me sinta com coragem de man-

char com um beijo a bocca dessa creatura que tanto amo?

Esses pensamentos eram apenas pensamentos. Carlos, posto que amasse ardentemente a encantadora Carmita, não era um homem de acção. Tinha medo de se entregar a qualquer aventura, por mais insignificante que fosse, mas esse medo era exposto aos amigos com o rotulo honroso de escrupulo.

Era, pois, um excesso de escrupulo.

Os dias de noivado iam-se exgottando e os jornaes já principiavam a falar seriamente do proximo enlace do heróe, procurando, dest'arte, entre os rapazes que o conheciam de perto, os mais disparatados commentarios sobre a sua timidez e falta de iniciativa.

— Será um boneco nas mãos da mulher, — diziam uns.

Outros mais relacionados com o noivo, chegavam a affirmar que elle não teria coragem de se casar.

Querendo, porém, desmentir esta affirmação dos seus amigos, Carlos Botelho casou-se e, á noite, pallido, tremulo, recolheu-se á alcova nupcial, onde a sua encan-

tadora mulherzinha já o esperava de braços abertos e com um sorriso de ternura nos labios vermelhos.

Ao vê-lo entrar, atirou-se-lhe ao pescoço para abraçá-lo, e beijá-lo, sequiosa como estava, até ali, a esposa, das caricias que o noivo jamais lhe fizera.

Apagadas as luzes estabeleceu-se na alcova um silencio profundo, quebrado, meia hora depois, pela voz tremente do Carlos:

— Dize-me Carmita: tu já beijaste alguém antes de te unires a mim?

— Não te comprehendo, Carlos!

— gemeu a moça.

E como elle não se sentisse com coragem de ir além com semelhante pergunta, ella se manifestou, entre triste e receiosa:

— Ah! sim; comprehendo agora. Beije, sim; beije o Juquita.

E curiosa:

— Por que?

— A' tóa. — murmurou.

— A' tóa não. Quero que me contes tudo, tudo, meu amor, sim?

E como ella insistisse:

— Porque eu estava quasi adivinhando, mas queria ter a certeza de que me não enganava a minha desconfiança.

E a seguir chorando de satisfação:

— Fizeste bem, meu amor. Se não tivesses feito isso com o Juquita eu não teria a coragem de te beijar... Não é?

E atirou-se aos beijos, aos abraços, na certeza de que, no futuro, não teria, sequer, um remorso...

ARION DA GAMA





ruído todo?

BRAULIA — Candonga!... Chiróca!.. Minhas filhas!

CANDONGA — Mamãe!

CHIROCA — Mamãe!

(Abraços commovidos)

BRAULIA — Onde vocês se metteram? Eu até agora... Como uma doida!

CHIROCA — Eu trepei numa baratinha para ver o prestito... Estava tão distraída que nem reparei no moço que estava lá dentro.

BRAULIA — E depois?

CHIROCA — Depois quando ia passando o carro do estandarte eu me entusiasmei...

MIGUEL — E' natural... Bateu palmas.. gritou...

CHIROCA — Não senhor... Quando eu quize bater palmas não pude... O moço da baratinha estava pegando na minha mão...

BRAULIA — Era o caso de gritar... se não podia bater palmas... Podia gritar...

CHIROCA — Podia... mas... não adiantava nada. Ninguém ouvia.

BRAULIA — Como?! Em plena Avenida.

CHIROCA — Na Avenida, não senhora... Eu estava ne Leblon... numa praia deserta...

BRAULIA — Mas... como?... Você estava na Avenida e de repente vae apparecer no Leblon!... Como foi isso?

CHIROCA — Não sei... Eu estava distraída vendo o estandarte do club...

BRAULIA — Ao menos gritasse.

CHIROCA — Eu quize... Mas quem disse que eu gritava! Nem podia fallar... Parecia até que eu estava entalada.

BRAULIA — Quem é esse sujeito?

CHIROCA — Não sei não senhora...

BRAULIA — E agora?

MIGUEL — Agora... o melhor é não fallar mais nisso. A baratinha bateu azas e voou... São cousas do Carnaval... Não tem importancia.

BRAULIA (para Chiróca) — Desgraçada!... (para Candonga). E você? Como foi? Que é que esteve fazendo?

CANDONGA — Eu?... Estive pescando com a taquára... Fisquei um lambary... fui andando... fui andando... quando eu estava perto do Castello... atraz das Bellas-Artes.

BRAULIA — Que foi fazer lá?...

CANDONGA — Fui atraz do lambary... que estava puxando o anzol.

BRAULIA — Era algum namorado com certeza...

CANDONGA — Não senhora... Nem sei o nome delle...

BRAULIA — Então... depois desapareceu sem mais nada?

CANDONGA — Desappareceu.

MIGUEL — Comeu a isca e cuspiu na taquára.

BRAULIA — E agora desgraçada?!

MIGUEL — Agora... o melhor é não. fallar mais nisso... São cousas do Carnaval...

BRAULIA — Vão tirar a fantasia e por no fogo... Já que não podemos descobrir esse miseravel ao menos elle não te descobrirá...

(Saem Candonga, Chiróca e Rosa)

SCENA 4a

Miguel e Braulia

MIGUEL — Você agora descanse... Vá tomar um banho... mudar de roupa... Deve estar fatigada, minha velha.

BRAULIA — Pudera!... Passei toda a noite a procurar essas malucas...

MIGUEL — Isso é que foi loucura... Procurar duas meninas no meio daquelle pavaréo que enchia a Avenida.

BRAULIA — Na Avenida, não! Logo que ellas desapareceram eu vi que não era para cousa boa... Fui então procurar no lugar onde ellas deviam estar com certeza...

MIGUEL — Na policia?

BRAULIA — Qual policia... Fui percorrer as casas suspeitas mais conhecidas. O 42, o 9, o 27 e o 134...

MIGUEL — Como?! Você conhece essas casas todas...

BRAULIA — Eu?! Como?...

MIGUEL — Si foi lá direitinho... E' que as conhece...

BRAULIA — Isso é uma infamia... uma miseria... Eu sou uma mulher honesta... uma esposa virtuosa... Juro... Não frequento esses logares...

MIGUEL — Se não frequenta... frequentou...

BRAULIA — Nem frequente... apenas...

MIGUEL — Apenas... Confessa...

BRAULIA — Pois bem... explico... antes de conhecer você eu namorava um primo... Num Carnaval elle me levou para passeiar e me mostrou certas casas de que eu ouvia fallar... e tinha curiosidade de ver... Por fóra somente!...

MIGUEL — Ah! Não entrou?...

BRAULIA — Juro que não... Foi só por fóra... Curiosidade de moça...

MIGUEL — Cousas de Carnaval...

BRAULIA — Por isso mesmo eu sei o perigo que uma menina corre nesse tempo e não quize que Candonga fosse vestida de pescador...

MIGUEL — Felizmente foi um lambary que cuspiu apenas na taquára depois de comer a isca... Podia ser peor.

BRAULIA — Peor?

MIGUEL — Sim... Podia ter fiscado um baiacú... daquelles que incham a barriga... Mas isso não tem importancia. Cousas do Carnaval...

Jan Richora



conta das meninas...

MIGUEL — Ora! Quem vai ao carnaval é para divertir-se... Divirta-se você também...

BRAULIA — Ah!... Você quer que eu me divirta também?

MIGUEL — E então...

BRAULIA — Pois eu sei o que vou fazer... Vocês homens não merecem uma mulher virtuosa... Mas eu ensino... Vou me divertir bastante... jogar lança-perfume com os rapazes... Depois não se queixe...

MIGUEL — Vá mulher! Vá!... Metta-se no lança-perfume... e que não lhe dêa nos... olhos.

BRAULIA — Como?! Como?!...

MIGUEL (imitando lança-perfume) — A seringa... a seringa...

ROSA (aparecendo) — Pode tirar o jantar?

CHIROCA E CANDONGA — O jantar!

MIGUEL (levantando-se e atirando o jornal) — A boia!

ACTO 2º

Mesmo cenário

(Quarta-feira de Cinzas — Sete horas da manhã)

SCENA 1ª

Miguel e Rosa

ROSA (com o café — bocejando) — Patrão! Ahhhh!... Olha o café.

MIGUEL — Já sei... Não dormio. Andou na gandáia toda a noite...

ROSA — Na gandáia... não senhor... andei na calêça de seu Antunes...

MIGUEL — Que Antunes?

ROSA — Seu Antunes da venda... Olhe o café está esfriando.

MIGUEL — Ah! Você foi sosinha com elle?

ROSA — Fui com as filhas delle...

MIGUEL — E a mulher? Não foi?

ROSA — Por isso mesmo é que eu fui.

MIGUEL — Eu logo vi que isso era patuscada.

ROSA — Patuscada não senhor... Eu fui para tomar conta das creanças...

MIGUEL — Eu sei...

ROSA — Não esteja maldando «seu» Miguel. A mulher de «seu» Antunes é muito mais nova do que eu.

MIGUEL — E... mas o Antunes, sabe que lenha nova dá mais fumaça que fogo...

ROSA — Não brinque «seu» Miguel... o senhor sabe que a mulher de «seu» Antunes é até uma moça branca e bem bonita...

MIGUEL — Que tem isso... E' que elle prefere cosinhar a coke...

SCENA 2ª

Miguel, Rosa e Braulia

BRAULIA (entrando-afflicta) — Ellas estão ahí? Estão ahí? Ellas?... Candonga... Chiróca... Já chegaram? Onde estão? (deixando-se cahir numa cadeira). Meu Deus! Que desgraça!

ROSA — Que foi D. Braulia?

MIGUEL — Que aconteceu?... Você até faz curiosidade na gente... Volta para casa a estas horas com esse reboliço todo...

BRAULIA — As duas meninas desapareceram... Acho que foi na confusão depois da passagem dos clubs... Até agora... Já são sete horas... Candonga com aquella maldita fantasia de pescador... Hoje... dia de cinzas... Será possível, meu Deus? Minhas filhas... perdidas!... Desgraçadas!...

MIGUEL — Perdidas não estão... Ellas sabem o caminho da casa... Vae ver... Quando menos esperar... ellas apparecem ahí.

BRAULIA — Mas em que estado... Não hão de voltar como sahiram de casa...

MIGUEL — Não é provavel... Não se anda fantasiado na quaresma...

BRAULIA — E você impassivel... Não se abala? Pois vou eu mesma dar queixa á policia.

ROSA — E' bom... A policia descobre muitas vezes...

MIGUEL — Está doida... Dar queixa á policia para os jornaes publicarem...

BRAULIA — Pois é mesmo para a imprensa publicar e todo mundo saber... Só assim terei noticias... Quero minhas filhas...

MIGUEL — Quer para que? Para freiras?

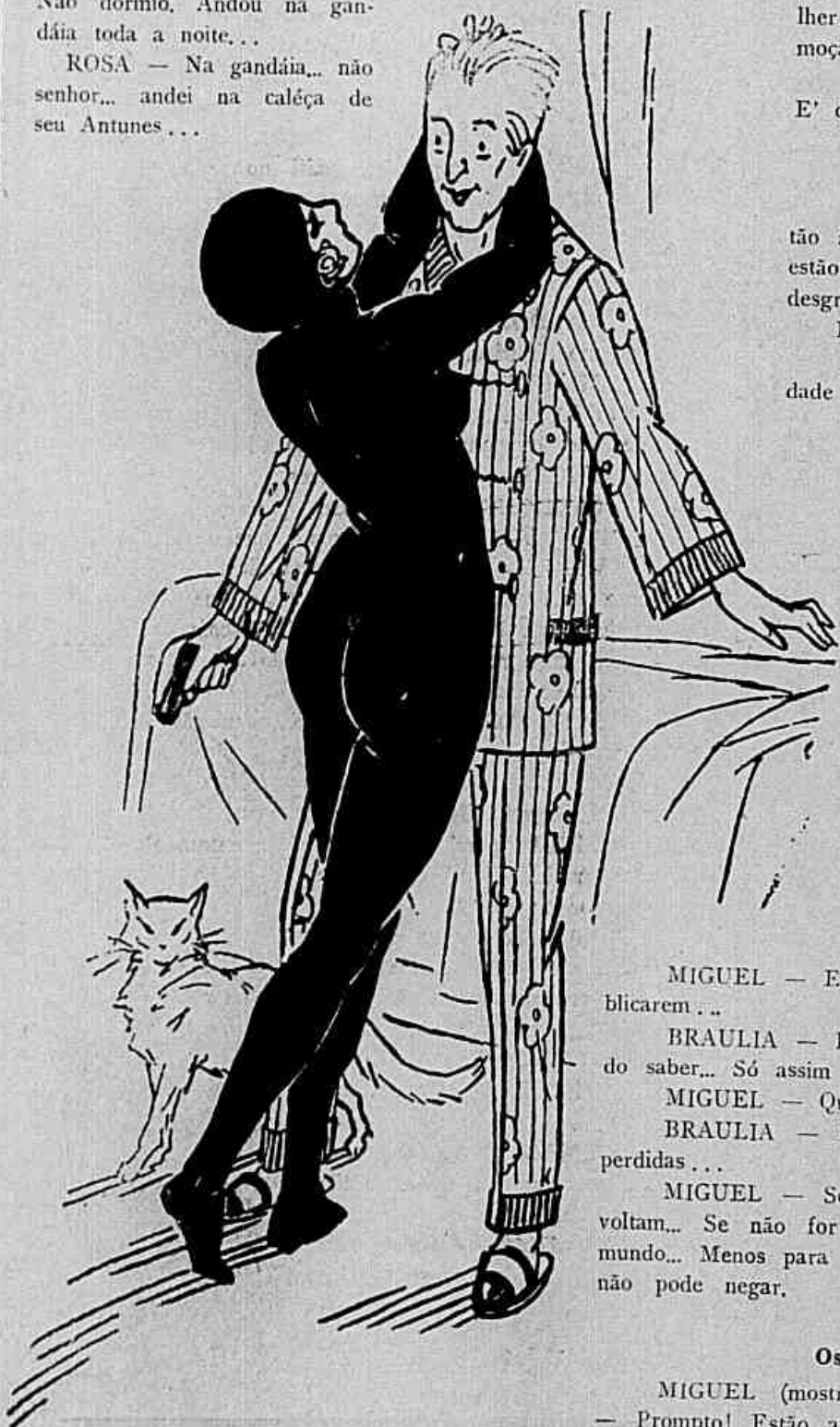
BRAULIA — Não quero para freiras... tambem não quero para perdidas...

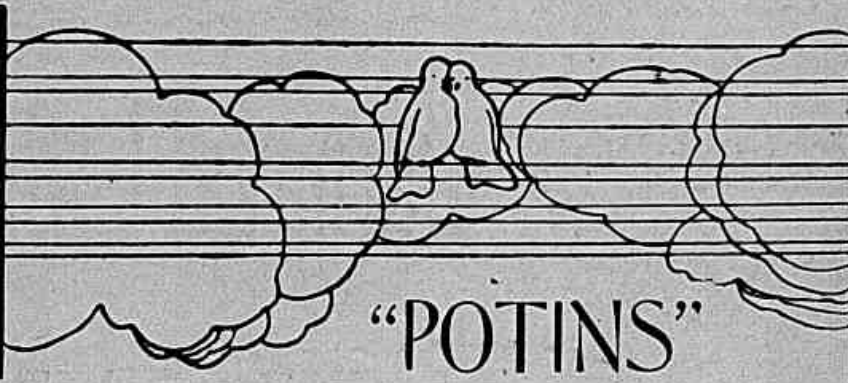
MIGUEL — Se sahir nos jornaes ellas não casarão mais... Ellas voltam... Se não for hoje... será amanhã. Ha remedio para tudo neste mundo... Menos para o que fica escripto nos jornaes, que a gente depois não pode negar.

SCENA 3ª

Os mesmos — Candonga e Chiróca

MIGUEL (mostrando Candonga e Chiróca que entram encabuladas) — Prompto! Estão ahí! Eu não disse que não valia a pena esse baru-





"POTINS"

Modo de desilludir

Foi na Colombo que aquelle jovem medico principiou a prestar attenção á conhecida senhora. Achava-a bonita, naquella distancia que separa duas mezas. Telephonaram-se, entenderam-se. E um dia, encontraram-se numa «garçonnière» de emprestimo, á rua Menna Barreto, em Botafogo.

Na semana seguinte, madame indagou, afflicta :

— E agora, quando é que nos encontramos de novo ?

— Não sei, filha; o dono da «garçonnière» não a empresta mais !

E' assim que elle, para não ser grosseiro com ella, está encobrindo, agora, a sua decepção...

Grandeza e decadencia

Aquella senhora morena, «fausse-maigre», que tem os pés um pouco para dentro, possuiu, no tempo da defunta «Renaissance», o seu momento de notoriedade. Vestia-se com distincção, andava em auto particular, e tinha sempre como companheiras duas figuras do alto mundanismo: a esposa de um escriptor e a de um jornalista.

De repente, madame começou a cahir. As companheiras desapareceram; o auto foi substituido pelo bonde; e os vestidos já não têm aquelle «chic» dos modelos parisienses. Indagada sobre essa decadencia, uma das antigas companheiras de chá esclareceu:

— Por que nós a deixamos? E' simples. Nós não a acompanhavamos por ella, mas por elle, que era amigo nosso.

E impiedosa :

— Elle a deixou, nós a deixamos, tambem...



As atrapalhações de um marido

Ha muito tempo vinha-se falando nas relações intimas daquelle sympathico e illustre homem publico, figura de relevo na politica de um Estado proximo, com a mais graciosa divorciada que frequentava as nossas casas de chá. E quem mais falava no caso, era, exactamente, a mãe da adoravel creaturinha.

Um dia, o illustre homem publico embarcou para a Europa. E — «chose bizarre!» — a linda creaturinha lá se foi, tambem, no mesmo transatlantico !

Essa coincidência tem, como é natural, dado o que fazer a muita lingua, principalmente á do ex-marido da fugitiva, que não sabe, agora, a quem deva pagar a pensão estipulada pelo juiz...

Les morts vont vite...

Quando aquelle saudoso brasileiro, figura de relevo na historia militar do Brasil, desappareceu d'esta vida, deixou fortuna, mulher moça, e filhos pequenos. Um dia, á formosa viuva encontrou no seu caminho um viuvo insinuante, pobre, e que tambem tinha filhos. Casaram-se, indo o noivo residir, com a prole, no palacete da noiva.

Marido e mulher deram-se bem. O mesmo, porém, não succedeu com os meninos, que começaram a guerrear-se, a ponto de formarem partidos e travarem verdadeiras batalhas dentro de casa. E o resultado foi este: os orphãos do saudoso brasileiro desertarem o campo, sendo internados, todos, no collegio, para que os filhos do segundo marido de madame possam viver socoados, gozando pacificamente a fortuna... que o pae lhes conquistou !

Carta de Adolphino

Minha querida Celeste.

Eu te quero de todo o coração, porém, não te levarei ao cinema outra vez enquanto tiveres essas espinhas que dia para dia roubam a belleza do teu rostinho de anjo. Vou mandar-te uma latinha de creme de côra purificado que, como sabes, já curou a Helena. Usa esse creme por que assim rehavérás a belleza que Deus te deu.

Adeus, meu anjinho.

— O seu alfaiate veste-o mal ?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem ?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A **ESTRELLA BRANCA**
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Urugayana — 146

PARA MOLESTIAS DA PELLE



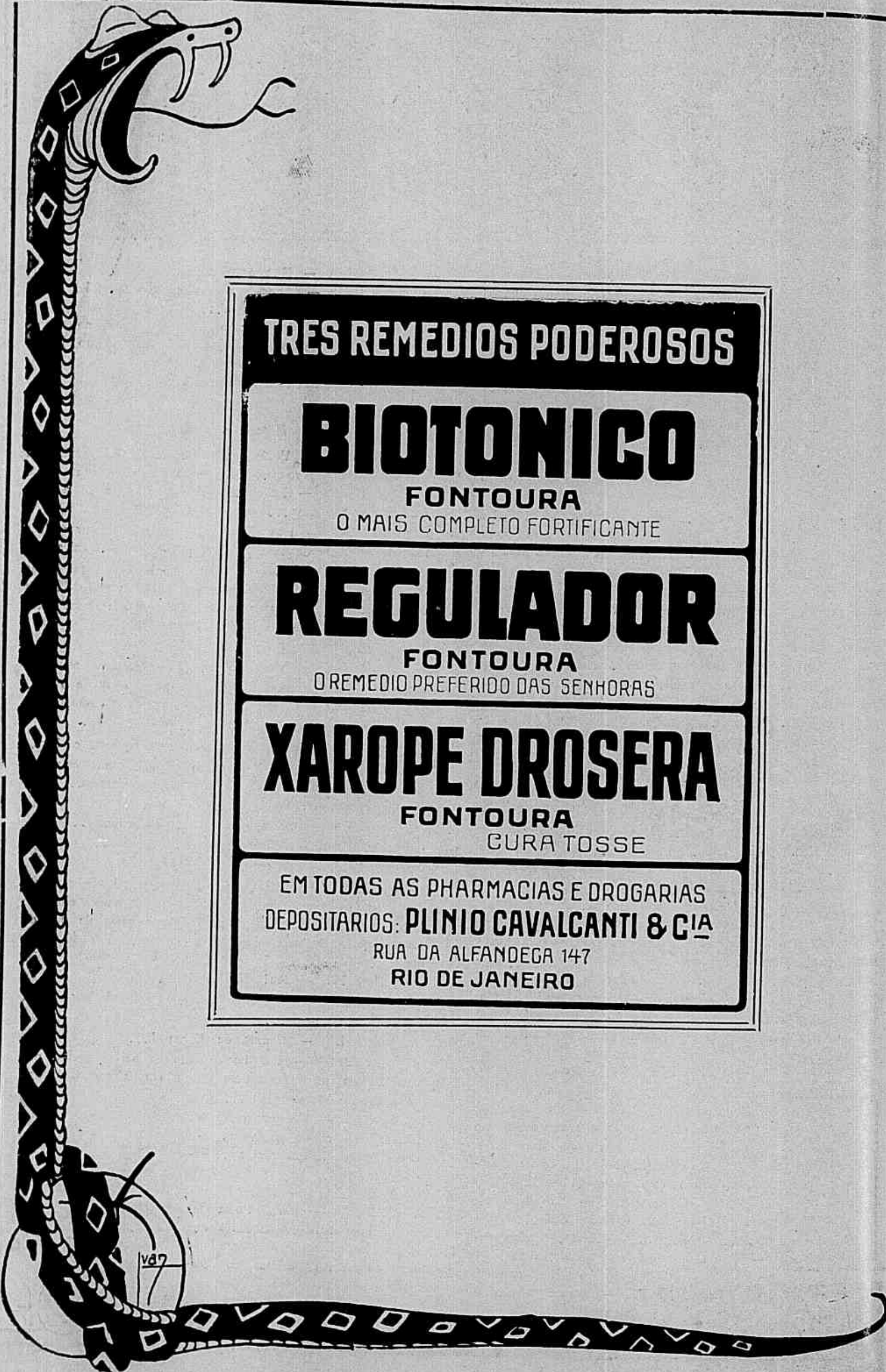
LU-GO-LI-NA

Dr. Eduardo França

EXTRATO DE SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico **JOÃO DA SILVA SILVEIRA**
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE ! USAE ! USAE !



TRES REMEDIOS PODEROSOS

BIOTONICO

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

REGULADOR

FONTOURA

O REMEDIO PREFERIDO DAS SENHORAS

XAROPE DROSEIRA

FONTOURA

CURA TOSSE

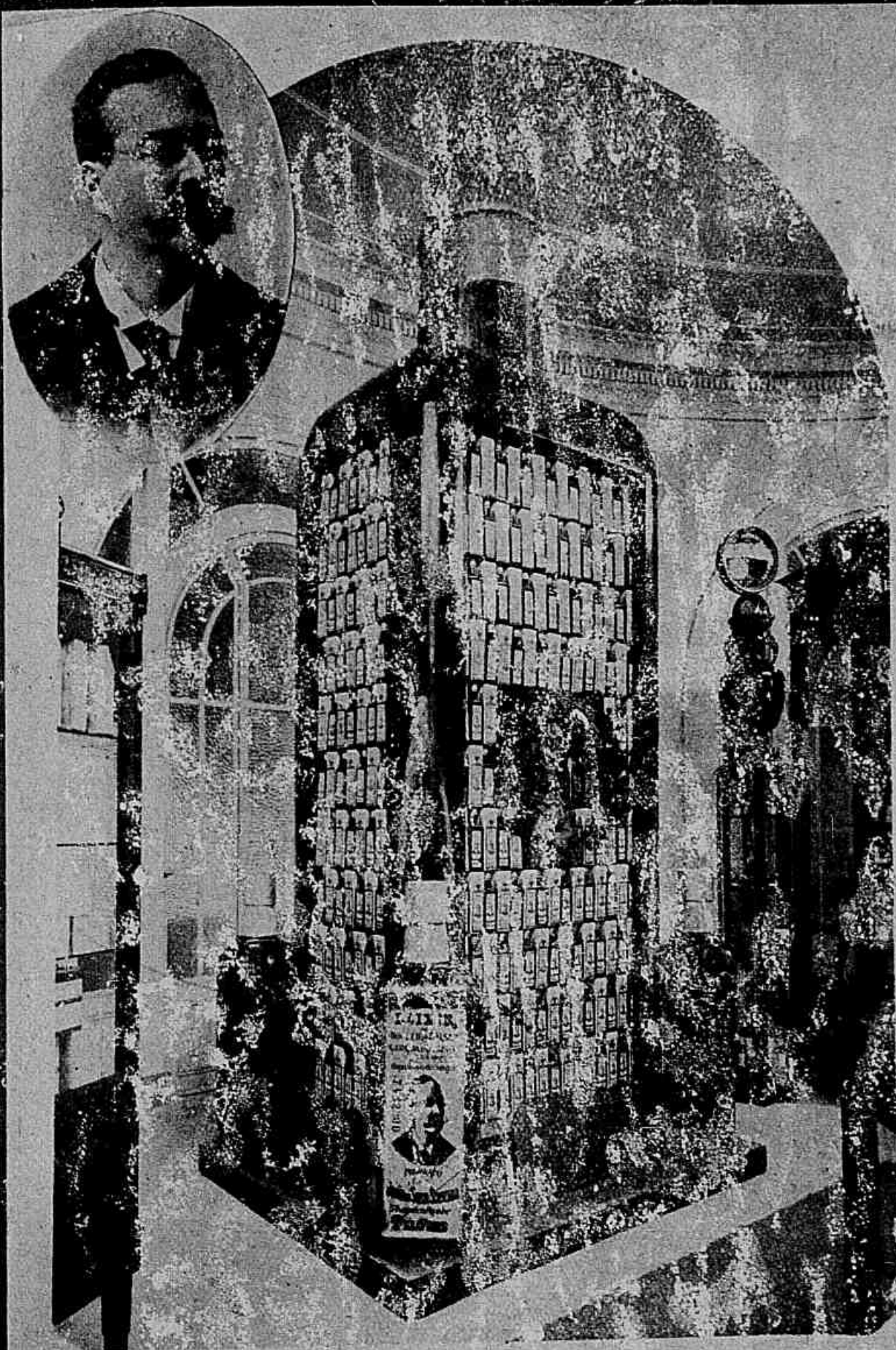
EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITARIOS: **PLINIO CAVALCANTI & CIA**

RUA DA ALFANDEGA 147

RIO DE JANEIRO

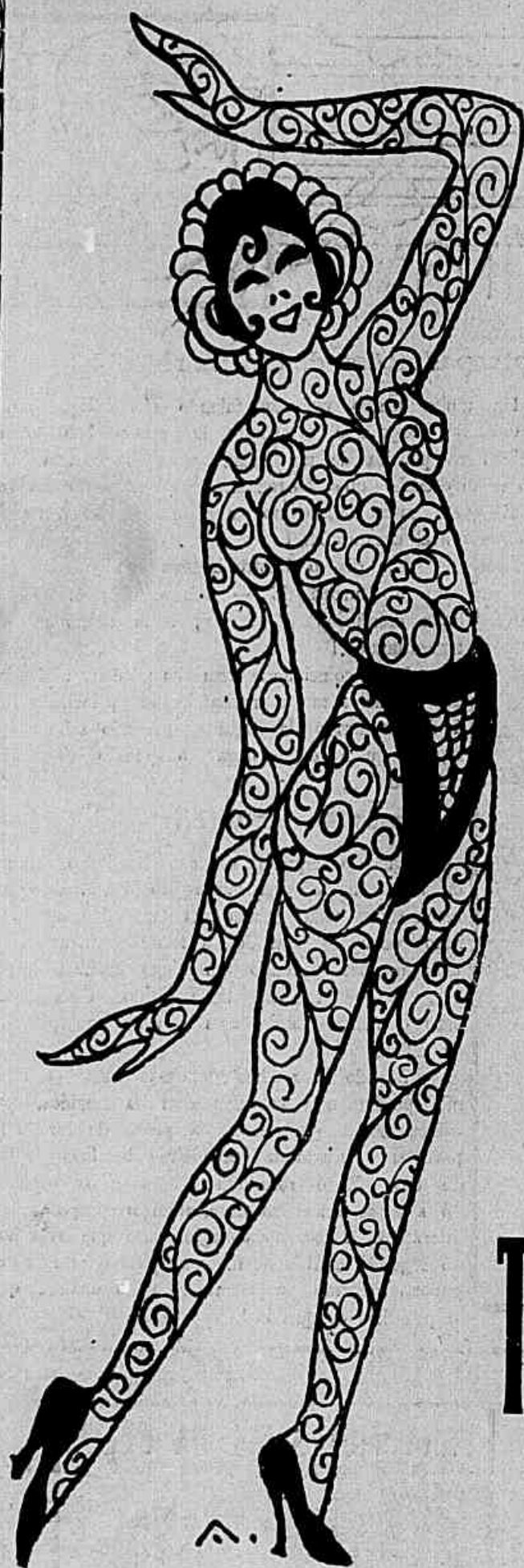
O GRANDE REMEDIO BRASILEIRO

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL



"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Grande Depurativo do Sangue
Unico de extraordinario consumo
Unico que tem o seu attestado na Voz do Povo



Carnaval! Carnaval!

PARQUE DE DIVERSÕES

Grandiosos bailes á fantasia no Salão de dansas

HOJE, Sabbado, HOJE

Quatro = estupendos bailes — Quatro

A' Alegria! A' Folia! A' Pandega!

Todos ao PARQUE



Entrada para o baile, com direito a duas damas — 10\$000

Entrada no Parque — 1\$000

FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: **OTTO SCHUBACK & C.**

Rua Theophilo Ottoni, 98

Telephone Norte 6773 RIO DE JNEIRO



ESTA' CHEGANDO A HORA!...

6 15 18 4

5

12 9 14 3 15 12 14

Doze numeros. Que taes?
Que querem elles dizer?
E' tão facil: queira lêr
As duas marcas mundiaes.

Tenha paciencia e procure.
6 é F. e 15 é O;
Continúe a lêr e apure
Tudo num momento só

Quem sabe si lhe aproveita
Este trabalho banal?
Veja se a bolsa se ageita;
Está proximo o carnaval.

RUA DO SENADO, 165 (Esquina da Rua Ubaldino do Amaral)
Tel. Central 4602 **ELOY BAPTISTA**

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 3 h., e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 18 do corrente, Ás 3 horas da tarde

200:000\$000

POR 16\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

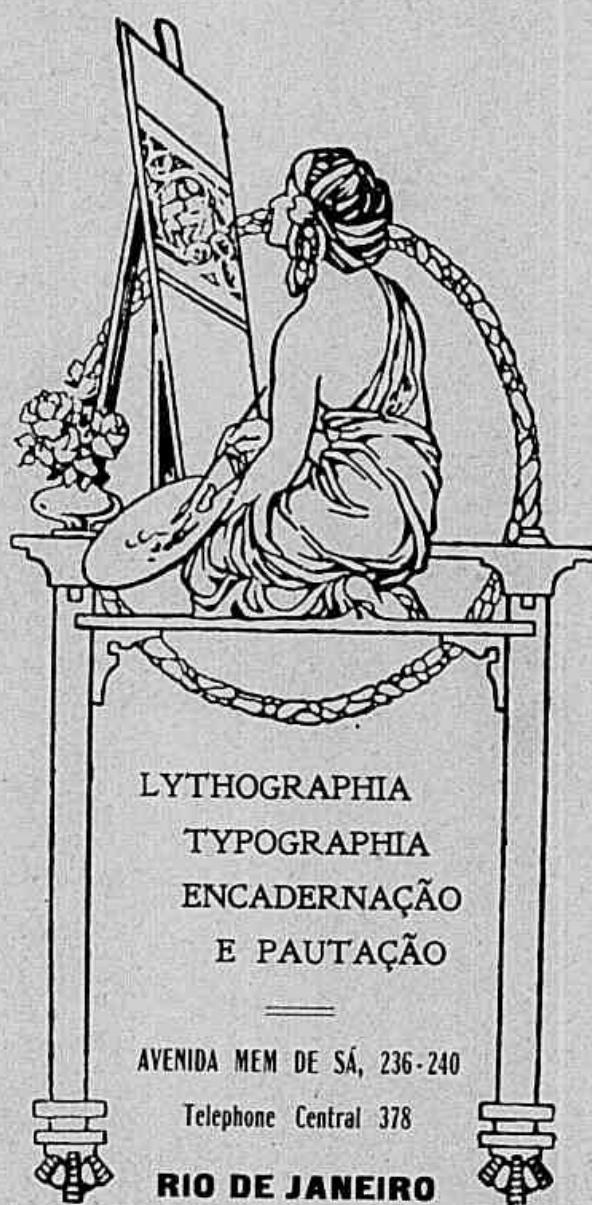
PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROZA

Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43
RIO DE JANEIRO

HOEPFNER & CO. LTDA.

SECÇÃO GRAPHICA



LYTHOGRAPHIA
TYPOGRAPHIA
ENCADERNAÇÃO
E PAUTAÇÃO

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

RIO DE JANEIRO

Não temer a Tuberculose

O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de **"SANGUINOL"** faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o **"SANGUINOL"**. E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O **"SANGUINOL"** é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Drogarias e Pharmacias

OS MEDICOS ILLUSTRES RECEITAM

O ELIXIR "914"

O que diz sobre o **ELIXIR 914** o Illustre **DR. AMELIO MAGALHÃES**, da Clinica interna da Santa Casa de Misericórdia, de S. Paulo:

Attesto que tenho feito uso em minha clinica particular e hospitalar do producto **"ELIXIR 914"**, observando sempre resultados satisfatorios nos casos indicados.

S. Paulo, 19 de Maio de 1922.

(ass.) **DR. AMELIO MAGALHÃES.**

Firma Reconhecida.

Não ataca o estomago, depura tonificando. Não se deve tomar depurativos sem experimentar o **ELIXIR 914**.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre..... 15\$000
Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500
" " atrazado \$600

Exterior:

Porte simples

Anno..... 50\$000
Semestre..... 30\$000

Registrado

Anno..... 60\$000
Semestre..... 35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 1

Tabella para Annuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas côres....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " trez ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.
Telephone N. 4594



BIOTÔNICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Em todas as pharmacies e drogarias
Depositarios. Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO



A CASA ESTRELLA, o tradicional estabelecimento da rua do Ouvidor, 134, tem os melhores artigos de carnaval e vende-os pelos menores preços possíveis.

Não comprem pyjamas, serpentinhas, lança-perfumes, etc., sem ver primeiramente os seus preços

O rato do campo

O illustre militar foi, sempre, um homem prudente, precavido, morigerado. Desconfiando das mulheres da cidade, dizia sempre:

— Eu só me ligarei a uma provinciana. São economicas, honestas, incapazes de uma leviandade. Quando eu quizer mulher, farei uma viagem ao norte.

Ha dois annos, enviado pelo governo, o illustre soldado foi ao norte, e voltou acompanhado. Casado definitivamente? Unido... a titulo precario? Ninguém sabe. O que se sabe é que, ha tres ou quatro mezes, separaram-se, ficando o desventurado com dividas de luxo que não serão pagas, talvez, em cinco annos.

Interrogado por um intimo, dizia elle, ha dias:

— Foi uma lição, meu velho! uma lição que deve servir aos outros.

E num surto de imaginação:

— O rato que mais destróe não é o cammondongo, que nasce nos armarios; é o rato do campo, quando se aboleta em casa!

OLHOS

Inflammações e purgações
USE O
"COLLYRIO MOURA BRAZIL"